

O declínio da arte da conversação na universidade contemporânea

RAYMUNDO DE LIMA *

Nos últimos quinze anos venho observando uma mudança significativa nos relacionamentos entre os colegas de universidade. Sinto um distanciamento entre os professores e professores-pesquisadores, que se tornam arredios para conversar ou displicentes para manter a conversa em dia.

Salvo engano meu, tal distanciamento ocorre porque os profissionais do ensino superior se deixam levar pela onda produtivista que ataca a universidade pública. Ou seria porque se entregam mais à vida familiar, e portanto não lhes sobra tempo para conversas informais e improdutivas? Ou, ainda, será porque a conversa nos meios virtuais é mais interessante, permite trocar informações e textos em vez de manter e aprofundar a amizade no sentido convencional?

A constatação de que o meio acadêmico se tornou um campo de batalha cuja imagem de bom cientista é ser jogador: *“é aquele que, sem ter necessidade de calcular, de ser cínico, faz as escolhas que compensam. Aqueles que nasceram no jogo têm o privilégio do ‘inatismo’”*, observa Bourdieu (2004, p. 28). Ou seja, as relações desenvolvidas no campo universitário brasileiro cada vez mais se torna pragmatista, competitivo, cínico; é onde se calcula palavras e atos visando sempre ganhar o jogo ou dar visibilidade a competência individual ou do grupo, através das participações em cargos, comissões de prestígio, bancas, grupos de pesquisas, publicações.

Na conversação nos meios virtuais – dentro e fora da universidade – predomina o auto-engano em que a quantidade substitui a qualidade: alguém diz que recebe duzentos emails por dia, ou tem mil seguidores no Twitter, que marca presença política no Facebook, ou seu blog tem milhares de leitores, etc., são novas formas de acumular o capital cultural e científico. Conforme observa Bourdieu, os professores-pesquisadores são os “capitalistas cientistas” (sic) de nossa universidade. Obviamente o termo capitalista aqui empregado nada tem em comum com os capitalistas no campo econômico, o que alivia a culpa especialmente dos marxistas-franciscanos. Mas, sem dúvida, este termo é constrangedor, pois indica sua ânsia de acumulação de artigos, livros, bancas, enfim, prestígio acadêmico, materialidade esta que os coloca longe do prestígio de ser intelectual clássico.

Minha observação de falta de gente para conversar, também não descarto ser eu o problema. Em vez de insistir com quem não tem vocação ou interesse para conversar, tenho duas opções: a solidão ou aproveitar as circunstâncias. Hoje em dia não é fácil encontrar alguém ‘certo’ para conversar assuntos que envolvem informação, conhecimento, cultura (cinema, literatura). Concordo que a solidão (se não for depressiva) pode servir para ‘conversar’ com meus livros, jornais, revistas, fazer de conta que converso com os personagens da

televisão e dos filmes. Não me lembro que escritor recomendava conversar consigo próprio, em viva voz. Confesso que às vezes converso comigo mesmo em viva voz. Ah, não é que eu goste de conversar assuntos profundos, também gosto de conversar bobagens, aproveitar o trivial para fazer comentários, sorrir, ironizar, porém, não sinto aptidão para gastar meu tempo só com esta linha de assuntos. Notem que não me referi ao futebol ou outra modalidade desportiva, porque também não tenho aptidão ou conhecimento mínimo para sustentar este tipo de conversação.

Desde criança, ouço rádio. Gosto especialmente daqueles programas que tem gente que conversa sobre determinados assuntos. Na época em que vivia no Rio de Janeiro, gostava dos debates populares das rádios Tupi, Globo, entre outras. Mas vivendo numa cidade do interior do Paraná, o rádio só toca música ruim da indústria cultural, “neosertanojo”. Aprecio as entrevistas e os debates da rádio CBN “a rádio que toca notícia”, da Rádio da UEM. Vez ou outra sintonizo pela internet outras rádios: BBC, Rádio França, etc. Lembro-me dos tempos da ditadura militar, era garoto, sozinho, ouvia a Rádio Central de Moscou, BBC, Voz da América, Voz da China (?). Sinalizo que não sou afeito as conversas por meio do MSN, chats¹, parei de responder o convite dos “meus amigos” do Facebook, desde que uma antiga amiga nunca me deu retorno. O que vejo e leio nas redes sociais não me atrai: desabaços, insultos, trivialidades e interesses políticos ou mercadológicos. Minhas férias se tornaram uma tortura: porque os poucos amigos viajam com

suas famílias. Resta apenas conversar por email ou conviver com a solidão. O fato de viver numa cidade planejada para carros e não para pessoas contribui para levarmos uma vida atomizada e ‘líquida’ (Bauman).

A conversação: arte, técnica e regras

Conversar é praticar uma arte e uma ética. *Com-versar* é versar sobre determinados assuntos, cada qual com seu jeito de pensar e se expressar. Para que uma conversa flua é preciso respeito, serenidade, tolerância, escuta; e um determinado assunto, qualquer assunto que instiga o outro a dar retorno.



Montaigne na sua obra “Ensaaios”, escreve no cap. VIII “Da arte de conversar”, que a conversação é o mais proveitoso e natural exercício do espírito. Mas é preciso, para usufruir das benesses de uma boa conversa, estar atento para alguns detalhes. É importante discutir as coisas no plano do universal, sem puxar para o particular. Os atenienses e os romanos tinham esse exercício em grande conta em suas academias”. Como é esperado de um ensaísta, Montaigne é bem pessoal sobre a conversação. Reconhecendo que “não há conversação sem contradição”, ele revela: “A mim, quando me contradizem, despertam-me atenção, não cólera; aperto meu interlocutor e tiro partido de seus argumentos. A busca da verdade não deve ser o alvo de ambos os contraditores?” (p. 419). Mais à frente ele revela ser desagradável receber uma crítica com rudeza, assim: “és um tolo, estás a sonhar”.

¹ “Um *chat*, que em português significa “conversação”, ou “bate-papo” usado no Brasil, é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real (Fonte: Wikipedia).

Então, Montaigne gosta que sejam sinceros com ele e que suas palavras expressem exatamente o seu pensamento, mas acolhe melhor quando a crítica vem acompanhada de cuidado ou polidez. Ele ainda aponta dois estilos de conversadores que lhes causam aborrecimentos: “*quem assume uma atitude superior (como alguém que conheço) e se ofende se não o seguimos*” (p. 419). Ele não gosta daqueles que usam brincadeiras, chistes, sarcasmos, para criticá-lo (p. 425). Isto é, a conversação parece ser mais do que arte, é um esforço ético de exercitar as ideias em palavras e frases sabendo o quanto estas atinge o outro: amigo, colega ou conhecido.

O historiador inglês, Peter Burke, no seu livro “A arte da conversação” (Ed. UNESP, 1995), observa o “declínio da arte da conversação, pelo menos na Inglaterra, seja em ambientes comuns ou específicos como as áreas de uso comum ou nas salas de convivência da Universidades de Oxford ou Cambridge”. Segundo Burke, *A arte da conversação* é o título de uma série de manuais que apareceram entre os

séculos XVII e XIX na Inglaterra, França e em outro lugares da Europa. Na verdade eles são apenas a ponta de um importante *iceberg* – de um grupo de textos que, quaisquer que sejam seus títulos, ensinam seus leitores a falar, de maneira geral ou em tipos específicos de ocasião. A conversação desinteressada ou o ato de conversar por conversar, está mais para arte, portanto, teria sido uma invenção francesa ou italiana no período da Renascença, considera o autor, que inclui também a possibilidade da Inglaterra neste período (BURKE, op. cit., p. 119-123).

Portela (2002) acrescenta que:

A conversação polida era afinal um novo tipo de marcador social, que distinguia o centro cortesão da periferia rural, opondo a alta sociedade londrina aos demais estratos sociais e dialectais. Mesmo que a capacidade de partilhar o código de civilidade criasse um espaço não coincidente com as rígidas divisões da sociedade de ordens, muitas distâncias sociais permaneciam intransponíveis.



William Hogarth, *A Midnight Modern Conversation* (1732-33), 32,7 x 45,6 cm, gravura e água-forte, a partir da pintura a óleo com o mesmo título (apud PORTELA, 2002).

Mesmo em nossa época, a escolha do assunto numa conversação, precisa tomar um rumo agradável; os assuntos devem ser comuns entre os conversadores, portanto, existe um acordo mútuo implícito. Assim, numa escola ou universidade o assunto comum são os colegas de convivência, o trabalho de ensino, pesquisa, extensão, publicação, as lutas da categoria, a política e as politicagens. Entre donas-de-casa, o assunto pode girar em torno do lar, filhos, marido, novelas, incidentes de rotina, vida dos artistas. Entre jovens, o assunto da conversa são os namoros, filmes, contatos nas redes sociais, acontecimentos de escola, experiências conquistadas. Entre políticos profissionais, o assunto principal é o jogo político, projetos e tramas de como vencer a eleição, aprovar um projeto de lei, etc.

Certamente, a conversa em cada um destes grupos deve respeitar algumas regras implícitas ou invisíveis, e obviamente o assunto deve ser de interesse comum. Saber escutar e respeitar o outro, parece ser a principal regra da conversação. É rude interromper o outro no meio de uma conversa. Isto vem pelo menos desde 44 a.C., quando Cícero disse que a conversa requer alternância entre as pessoas. Saber conversar implica saber se calar e falar na hora certa sem monopolizar o assunto. É preciso que os conversadores demonstrem na prática consideração para com a fala e o jeito do outro. Por exemplo, uma pessoa introvertida (não lacônica) exige habilidade para puxar uma conversa com ela; e alguém que fala pelos cotovelos possivelmente nada diz, também exige habilidade na conversação.

Nos *talking shows*² podemos acompanhar tanto a habilidade do âncora em fazer falar um introvertido como extrair sentido de uma histérica que fala pelos cotovelos. Existe gente boa de conversa e gente ou situação que trava a conversa. Mas não se admite que um conversador altere seu humor que certamente pode quebrar o clima agradável entre ambos. Por exemplo, um conversador que expressa mais raiva do que argumentos pode matar a conversa e até atingir a continuação da amizade. Por outro lado, está implícito que o assunto da conversa deve ter um tom de informalidade, ainda que o assunto seja sério e o espaço seja formal. Por exemplo, uma conversa programada no formato acadêmico de mesa-redonda, pode parecer informal mas não deve fugir do foco programado. Todavia, há sempre um risco de a conversa tomar outro rumo, a da palestra, que também pode esfriar a conversa. Ou seja, numa conversa não pode acontecer o monopólio da fala ou o domínio exclusivo sobre um assunto. Se um dos conversadores é especialista em um tema, pode se sentir atraído – ou ser autorizado – para discorrer muito tempo sobre o mesmo, podendo virar palestra com profundidade filosófica, científica ou artística. Não é a racionalidade, mas sim, é a razoabilidade que deve estar implícito nas conversas.

² Os *talking shows* de Jô Soares à David Letterman, simulam conversas espontâneas. Mas no fundo, são entrevistas, porque tem o objetivo de revelar ao público o estilo da pessoa, o que ela pensa, ou divulgar seu último filme, peça de teatro, show, lançamento de cd, ou como fulano superou uma doença. Na verdade, nos *talking shows* as pessoas apenas “falam” sobre pessoas e coisas, não promovem a conversa no sentido autêntico.

Outro risco de a conversa esfriar ou tomar outro rumo é quando um conversador é dotado de boa oratória, “fala bem”, e por isso encanta os ouvintes. Geralmente o orador é treinado para monopolizar a conversa, e obter um retorno narcísico. Se os ouvintes se deixam ser levados pela performance oral, pela capacidade de persuasão ou porque o orador apresenta argumentos mais consistentes, estamos a um passo de fundar uma seita: um messias e discípulos. A conversa desenvolvida agora é entre iguais. Seria uma conversação autêntica? De qualquer maneira, a *arte da conversa* recomenda não abusar da eloquência, ou cuidar para não falar de maneira ‘forçada’, ‘estudada’, que passa a imagem de pedantismo, artificialismo, que parece querer causar boa impressão nos ouvintes. A intenção doutrinária caminha na contramão da boa conversação, porque o orador impõe a sua verdade, logo, não existe troca autêntica. O doutrinador finge “conversar” e finge “ensinar” como se não fosse doutrina. É, então, ideologia, observa Reboul (1980, p.23)

O declínio da conversa na academia

Descartando a idéia de dom (que sugere divindade), penso que não existe dom para conversar. Pode existir esforço pessoal e condições favoráveis para o sujeito desenvolver a habilidade para conversar, entre outras. Nem todos aspiram desenvolver tal habilidade de trocar idéias ou impressões.

Conforme observou Muniz Sodré³, também reconheço que vivemos numa era do falatório, principalmente nas redes sociais da internet. Parece que nem todos sabem como se comportar numa conversa presencial, porque esta

exige civilidade e conteúdo. Parece que vivemos a era do declínio da conversa-pela-conversa ou da conversa com sentido de superar o senso comum. Assim, por um lado, os incivilizados, pseudo-autistas, e não cumpridores de um mínimo código social, não sabem conversar (terminam brigando), e, por outro, os profissionais da pesquisa, os professores pragmáticos e militantes políticos não se interessam pela conversa sem propósito definido ou sem pauta.

Como a vida se tornou ‘líquida’, as pessoas ou vivem a inautenticidade própria dos diferentes espaços [recipientes] ou buscam refúgios na televisão, tela do computador, celular, tablet, ou qualquer bugiganga eletrônica, para aliviar a solidão. Observo que a solidão e o individualismo são modos predominantes de vida das pessoas instruídas e idosas. Por opção ou por obrigação elas deixam de conversar ou prostrar – como diz em alguns lugares do interior do Brasil. Aliás, no interior do Brasil, **prostrar** era falar sobre tudo, contar ‘causos’, que para o urbano de hoje é “jogar conversa fora”.

E a conversa na universidade? Poderia falar da aula como uma conversa direcionada para a aprendizagem. E da orientação de um TCC, dissertação ou tese, que consiste em conversas presenciais ou virtuais sempre visando um resultado concreto: a pesquisa e seu escrito sistemático.

Mas pretendo, aqui, olhar para os sintomas da cultura universitária, que faz uso ideológico ou pragmático das conversas. Ora, a cultura universitária alivia tensão produtivista promovendo algumas conversas informais entre colegas de trabalho. São as festinhas de confraternização de final de ano, homenagem a colega recém aposentado,

³ Entrevista ao programa Roda-Viva, da TV-Cultura de São Paulo, em junho/2012.

encontros causal ou marcado nas dependências da instituição. Algumas conversas podem desenvolver num tom informal, mas duvido da informalidade de uma festinha junina, por exemplo. Todavia, a promoção destas conversas tem a virtude de reaproximar ressentidos ou facilitar olhares entre pessoas que não se suportam. Este tipo de conversa programada não garante regenerar afetos bons, não ativa a espontaneidade do encontro. Mesmo assim, é preciso aprender a suportar tais encontros, apostando neles a esperança de melhor convívio entre os diferentes.

Parece estar crescendo entre nós urbanos, e principalmente entre os professores universitários um “autismo psicossocial”, isto é, os relacionamentos tendem a serem privativos, sem visgo, sem liga ou vínculo que promete continuidade e autenticidade. Pichon-Rivière (1977) em sua obra “Teoria do vínculo” analisa alguns tipos que se encaixam na patologia dos vínculos em grupo, e é onde podemos incluir os grupos e seus *habitus* da universidade produtivista. Antes de Pichon-Rivière, Ludwig Binsganger publicou um interessante estudo sobre “As três formas de existência malograda”, inspirado nas ideias Heidegger, sobre a inautenticidade dos relacionamentos humanos.

No fundo, as trocas de palavras, pontos de vistas e ideias da universidade produtivista são sustentadas pelo narcisismo das pequenas diferenças⁴.

⁴ Se é uma universidade bem colocada nos rankings, seus professores engrossam a patologia social denominada por Freud “narcisismo das pequenas diferenças”. Impera o distanciamento entre os pares a partir das “pequenas diferenças”, daí tanto a construção de falsas controvérsias e falsas distinções, que geral solidão e pseudoamizades entre aqueles que fazem parte da mesma panela ideológica. Se os jovens estão cada vez mais plugados e cada

Nas conversas formais e informais na universidade produtivista, falta comprometimento com o outro. Quando um professor se aposenta (ou morre), depois de 30 ou 40 anos dedicados a instituição, e não recebe nenhum sinal de homenagem – ainda que formal – é sintoma da falta de comprometimento dos colegas e falta de respeito dos gestores da instituição para com o funcionário.

Por outro lado, é sinal de sanidade o ambiente de trabalho que promove aproximação e interação entre colegas, durante e após sua trajetória na instituição. Não importa se é fingimento, mas a interação é um imperativo social. Nela, há uma promessa de amizade, ou reforço daquela que já existe. Conforme os gregos antigos: ter amigos é um caminho seguro dar sentido a existência.

Observo, ainda, que os grandes encontros dentro e fora da universidade hoje são para fins acadêmicos, políticos, culturais. Fora da universidade, os encontros promovem pseudo-conversas são sustentados pelo formato inspirador da política, da religião, shows, formaturas; todos geram a ilusão de comunhão social, mas no fundo as pessoas sabem o quanto se condenam a uma vida de faz-de-conta coletivo, porque as conversas agora são rasas, rápidas, fragmentadas, servem para preencher vazios sentidos, saudades, às vezes resgatar uma crítica, etc. Contudo, há pessoas tão afeitas ao formato de convívio temporário e superficial que rejeitam encontros marcados de autenticidade e tempo ilimitado para conversas. Ou seja, estamos muito

vez mais solitários, os adultos das universidades produtivistas estão cada vez mais ligados nos seus computadores, isolados do mundo, sempre pesquisando não para ler o mundo mas para fugir do mundo real.

longe da concepção elástica de tempo da antiguidade. A ética de um Sócrates ou um Cícero, que associavam as conversas sem fim, ambas procurando o sentido da vida, a sabedoria, a felicidade e amizades, ainda valem para nossa época? Parece que entramos numa era em que as conversas são desnecessárias, ou quando muito devem ser usadas visando algum interesse pessoal, acadêmico, político, ou religioso. As amizades, também.

Sem dúvida, aqueles que ignoram o valor da conversa não investem nos laços sociais autênticos como é a amizade (LIMA, 2010a, 2010b). Não existe amizade sem uma boa conversação, mas existe boa conversação sem formar este laço específico. Mutismo e antissocialidade são os dois traços dominantes dos anacoretas ascéticos, dos autistas e dos esquizofrênicos catatônicos. Os dogmáticos verbosos costumam enganar ser bons oradores, mas suas certezas absolutas e falta de escuta os impedem de aprender a arte da conversação e com ela aprender a considerar o ponto de vista dos outros. Aliás, pessoas com perfil dogmático ou autoritário não sabem conversar, porque sua vocação é fazer a cabeça das pessoas ou doutriná-las⁵. Como a conversa requer alternância entre as pessoas (Cícero), desconfio que a sanidade deve ser encontrada no exercício dialógico, nas espontâneas trocas de idéias, bem como na tolerância em ouvir diferentes opiniões. Por isso, Gusdorf (1977) considera que o monólogo é o começo da loucura, e o diálogo é o instrumento da sanidade.

Os entendidos dizem que é possível aprender arte da conversação, primeiro, praticando o equilíbrio entre ouvir e

falar; segundo, tentando por em prática as orientações para uma boa conversa. É uma recomendação antiga que ainda vale para os nossos dias. Vivemos uma época poluída de palavras vazias, fofocas, maledicências, grosseirimos, insultos, falar sobre tudo sem conhecimento e sem limites, são sintomas da pseudoconversa. Destaco duas formas de pseudoconversa: a “conversa fiada” e a fofoca. A primeira é vazia de conteúdo e tem o propósito de enrolação; a segunda visa somente falar mal dos outros.

Há pessoas que não sabem conversar porque não tem assunto. Ou porque só querem falar de um assunto que ela domina, gosta ou goza (extraí gozo ao falar certas palavras). Um neo-doutor, por exemplo, extraí mais-gozar quando fala de sua tese. O político obviamente mais-gozar ao discursar sobre suas intenções e realizações. Um esportista curte ouvir sobre suas vitórias e o aplauso dos fãs. Um artista fica excitado ao falar do seu novo show, reforçando assim sua vaidade com a imagem de sua performance ou sucesso. E assim por diante. O pecado é cada um tomar o espaço para falar só de si próprio, porque impede a possibilidade para desenrolar uma “boa” conversa.

Certa vez, meu mestre e amigo José Carlos Leal (1995) disse-me sobre o segredo de iniciar uma conversa com pessoa de qualquer nível social ou intelectual: *fale sobre o que ela sabe falar*. Assim, a dona-de-casa sabe falar sobre os afazeres domésticos, filhos, marido, o cotidiano do lar. Podemos iniciar uma conversa com um trabalhador do campo demonstrando interesse pelo seu labor no campo, plantação, tempo, as criações. Outra dica é ensinada por Rubem Alves (1977), quando observa dois tipos de casamentos: o casal que joga tênis e o

⁵ Cf.: REBOUL, Olivier. **A doutrinação**. São Paulo: Edusp, 1980.

casal que joga frescobol. Em analogia, a conversação pode ser do tipo tênis, porque visa derrotar o adversário; mas também ela pode se desenvolver como se fosse um jogo de frescobol: os participantes da conversa espontaneamente jogam pelo prazer de jogar, não visam ganhar o jogo e nem derrotar o adversário. A conversa do tipo tênis termina com um mal-estar, quer pela interrupção ou crítica venenosa, ou porque alguém sai derrotado e outro se vê como vencedor. Já a conversa do tipo frescobol sustenta a troca de ideais com leveza, agradabilidade, a palavra é franqueada para que ninguém perca a oportunidade de falar, ainda que para discordar ou contradizer, mas sempre com polidez. A conversa do tipo frescobol promete prosseguir numa outra oportunidade. Termina sempre com a alegria do encontro e com o desejo de novamente retomar a conversação.

Especificamente sobre a relação casamento e conversa, Rubem Alves (1997) relembra Nietzsche ao recomendar o seguinte: “Ao pensar sobre a possibilidade do casamento cada um deveria se fazer a seguinte pergunta: *‘Você crê que seria capaz de conversar com prazer com esta pessoa até a sua velhice?’* Tudo o mais no casamento é transitório, mas as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar” (apud ALVES, op.cit., p. 51).

Concluindo

Artigos colhidos na internet são unânimes em dizer que as pessoas hoje em dia não sabem mais conversar porque não sabem escutar; porque a arte da conversação necessariamente inclui o respeito ao momento de escutar o outro e o momento apropriado para falar, preferencialmente visando dar continuidade ao assunto discorrido.

Todavia, cresce o número de mal educados e chatos, denominados ‘multitarefeiros’, sempre ligados ao celular ou a uma tela eletrônica. Os aparelhos de comunicação e o estilo multitarefa fazem o interlocutor não prestar atenção ao rumo da conversa, assim como uma criança vive com naturalidade sua desatenção. Tudo indica que a geração de adultos de nossa época tende ao infantilização ou adolescentização (LIMA, 2012).

Com-versar é versar sobre determinados assuntos, cada qual com seu jeito, mas sempre com respeito, serenidade, tolerância e elegância. Conversar é expressar opiniões e também saber escutar o ponto de vista dos outros. Conversar é socializar informações, conhecimentos, compartilhar experiências de vida. Conversando, diminuimos gradativamente as reservas de pensamento e socializamos afetos sobre determinados temas e pessoas. Uma boa conversa tem um toque terapêutico. A boa conversa implica numa confiança em relação ao outro, portanto, existe desejo de sua continuidade, de aproximação e de convivência.

Mas a conversa está em declínio na universidade produtivista. A cultura universitária virou um campo de trabalho (talvez influenciado pelo toyotismo) em que a conversa informal deve dar lugar a um estilo de conversa programada, ora para divulgar os resultados das pesquisas, ora como aula (ensino), ora como faz-de-conta que estamos conversando com autenticidade Duvido.

Sinais da anti-conversa

- 1 - A desatenção de quem ouve.
- 2 - O mau hábito de interromper o outro e de falar ao mesmo tempo.

- 3 - A precipitação para mostrar ser especialista, ser culto ou erudito. 4 - A vontade de querer dominar a conversa e o assunto.
 5 – Pedantismo ou ar de superioridade.
 6 – Desinteresse de seguir a conversa.
 7 - O espírito de contradição.
 8 - O vício de sempre querer fazer graça, troça, ou contar um piada.
 9 – Mau humor ou tendência a ruptura do clima agradável da conversa.
 10 - Trazer a baila temas sérios em vez dos informais.

Indícios de boa conversa:

1. **Ouvir com atenção.** (Na verdade, é *escutar o outro* e não apenas ouvir suas palavras).
 2. **Demonstrar interesse** na outra pessoa, na sua história de vida, seus interesses e ideias. (A ansiedade sabota qualquer conversa. Há pessoas que nem perguntam como o outro está e vai já jogando-lhe um turbilhão de palavras e problemas que só são do interesse dela).
 3. **Falar assuntos que interessam a outra pessoa** (a maioria quer apenas falar de assuntos do seu próprio interesse, ou desabafar).
 4. **Para contar um assunto vá direto ao ponto.**(evite cansar a outra pessoa, e passar uma imagem de chata).
 5. **Aprender a discordar sem ser desagradável.** (cuidado com idéias políticas e religiosas, com pessoas que as levam muito a sério, principalmente as fanáticas).
 6. **Uma conversa deve ter uma dimensão lúdica:** joga-se um jogo do tipo frescobol. (o tênis é um jogo que visa derrotar o adversário; no frescobol, o jogo consiste em sustentar a bola de

ambos os lados, de modo que ninguém deve perder).

7. **Mostrar-se no mesmo nível que o outro.** (tal como não é possível amizade genuína entre patrão e empregado, professor e aluno, a conversa flui melhor e com autenticidade se as pessoas confiam umas nas outras. Pode acontecer uma boa conversa entre patrão e empregado ou entre professor e aluno, desde que as partes se mantêm um mínimo de confiança e respeito mútuos).

8. **Lembrar que uma boa conversa deve se pautar pela leveza.** Isso não quer dizer que ela deve ser recheada de chistes, troças, piadas. No fundo, os chistosos chateiam uma conversa, principalmente quando tornam-se excessivos e repetitivos nas brincadeiras.

Referências

- ALVES, Rubem. **O retorno e terno:** crônicas. 12.ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência.** Por uma sociologia clínica do campo
- BURKE, Peter. **A Arte da Conversação.** São Paulo: UNESP, 1995.
- GUSDORF, Georges. **A fala.** Rio de Janeiro: Rio, 1977.
- LEAL, José Carlos. **A arte de falar em público.** Rio de Janeiro: ETC, 1995.
- LIMA, Raymundo. [“Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil...” \(novo ensaio sobre a crise da amizade\).](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/11592/6257) Espaço Acadêmico, novembro/ 2010b. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/11592/6257>>
- LIMA, Raymundo. [Os sem-vínculos autênticos. \(breve ensaio sobre pessoas que não fedem nem cheiram\).](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/10804/5857) Espaço Acadêmico. Agosto/ 2010a. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/10804/5857>>

LIMA, Raymundo. Adolescência e desadolescência. **Rev. Maringá Missão**. Fev/2012, p. 20.

MONTAIGNE, M. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PORTELA, Manuel. [A arte da conversação. \(Comunicação apresentada no Colóquio Comemorativo do Tricentenário da Coroação da](#)

[Rainha Ana. Faculdade de Letras](#), Universidade do Porto, entre 17-18 Janeiro 2002. Publicado em Jorge Miguel Bastos da Silva & Fátima Vieira (Orgs.), *Desígnios Augustanos: Estudos sobre a Rainha Ana de Inglaterra e a sua Época*, Porto: 2003, pp. 57-75. Disponível em: http://www1.ci.uc.pt/pessoal/mportela/arslonga/MPENSAIOS/a_arte_da_conversacao.htm.

REBOUL, Olivier. **A doutrinação**. São Paulo: CEN/USP, 1980.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é docente do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE), na Universidade Estadual de Maringá (UEM); Doutor em Educação (USP).